

Do ovo ao voo em três ninhos.

Weber Silva

Era noite de 22 de novembro de 2021. Eu roía as unhas quando o ônibus finalmente chegara à rodoviária de Crato – cidade cearense ornamentada pela chapada do Araripe. Aquele planalto é famoso por revelar fósseis de aves entre as mais antigas do mundo (113 milhões de anos ou mais), mas também por abrigar um dos pássaros neotropicais de origem mais recente (onze mil anos), sendo este último cientificamente denominado *Antilophia bokermanni* e conhecido no Brasil como soldadinho-do-araripe. O povo local lhe emprega outros nomes, como lavadeira-da-mata, levadeiro e língua-de-tamanduá. Trata-se de uma bela espécie em risco de extinção com a qual estou envolvido há 25 anos, mas minha ansiedade decorria por outro motivo: ter sido convidado a participar do repovoamento de um periquito de nome cara-suja, *Pyrrhura griseipectus*, também ameaçado.

Nosso destino, meu e do periquito, era a serra da Aratanha. Ela é próxima da capital cearense, mas distante de onde eu me encontrava, tanto que eu a veria de dentro do ônibus apenas quando o dia amanhecesse. Comecei a acampar ali com 16 anos de idade, permanecendo frequentador constante por quase dez anos até a virada do milênio. No chacoalhar do ônibus, com ajuda do sono, lembranças do passado se misturavam com sonhos para o futuro do cara-suja. Em 2009, fiz a doída escolha de me dedicar mais à conservação de *A. bokermanni* do que a de *P. griseipectus*. Com o passar dos anos, a decisão se mostrou acertada, com o projeto do periquito sendo assumido por uma equipe incrível.

Deixei a chapada do Araripe sem aflição, pois outro time formidável estava monitorando os dois primeiros ninhos de *A. bokermanni* daquela estação reprodutiva. O que eu não imaginava era o tamanho da tempestade que se abateria sobre os quatro frágeis ovos naquela noite... Sobre o riacho, como a fêmea prefere fazer, constava um ninho a montante e outro a jusante. O primeiro foi arruinado pelo aguaceiro, partindo-se a forquilha que o estruturava. Um dos ovos despencou para a morte, enquanto o outro escapou por pouco, tendo sido localizado pela equipe que me avisou por telefone. Junto com eles, mas à distância, decidimos por deitar o ovo no ninho a jusante. Era o melhor a ser feito. No começo do ano, tínhamos praticado algo similar, mas não tão complexo, pois já havíamos retirado um de dois filhotes de um ninho inseguro, destinando-o para outro ninho protegido onde havia uma vaga.

A ninhada tripla seguiu sendo chocada, sem termos a certeza absoluta de que o calor seria suficiente para todos, pois *A. bokermanni* só põe dois ovos. Em poucos dias, o filhote adotado eclodiu de seu ovo. Nosso alívio deu lugar ao temor de que, saindo a mãe para buscar alimento, o par de ovos legítimos daquele ninho poderia resfriar até a morte. Comigo de volta à Chapada, findamos por improvisar uma chocadeira para onde recolhemos os ovos. Logo eclodiu o primeiro, sendo imediatamente devolvido. No dia seguinte, a história se repetiu, e agora tínhamos três filhotes em um ninho, um deles com quatro dias de idade a mais. A mãe biológica-adotiva fez sua parte, cuidando dos três, sem saber que gerava dados inéditos ao manejo da espécie ameaçada de extinção.

A beleza daquilo tudo cedia espaço para nova tensão. Os filhotes cresciam rápido, mas não aquele ninho que ficaria pequeno demais. Tentamos alguns experimentos interessantes, como o acoplamento de um ninho extra que não resolveria o problema de aquecimento noturno. Buscamos ainda os ninhos de uma espécie próxima que serviria de babá, mas sua estação reprodutiva ainda estava no início. Findamos tendo de resgatar o filhote adotado de seu segundo ninho de volta ao primeiro, que agora estava surrado dentro da chocadeira. A equipe se mantinha cuidados constantes ao mesmo tempo que procurávamos um raro ninho com vaga, de mesma idade. Nesse meio tempo, na tarde de oito de dezembro, eu participava de reunião do Conselho Consultivo de uma Unidade de Conservação, quando um informe sobre ninhos encontrados noutro município me fez perguntar: algum desses ninhos teria apenas um filhote? Diante da resposta positiva, pedimos fotos para saber se as idades eram compatíveis, e eram! Às seis horas da manhã do dia seguinte, o filhote já havia sido adotado em seu terceiro ninho, onde segue crescendo e deverá começar suas aulas de voo no dia 15 de dezembro – precisamente na data de descoberta da espécie.

Temos a prática de colocar anilhas coloridas nas aves que passam por nossas mãos, além de dar-lhes nomes de pensadores e cientistas. O filhote de três ninhos foi apelidado de Thoreau, em referência a Henry David Thoreau (1817 - 1862), ambientalista que promoveu importantes revoluções apenas com as ideias registradas em seus livros. Quem visitar o município cearense de Barbalha poderá conhecer as Unidades de Conservação sobrepostas do Parque Natural Municipal Luís Roberto Correia Sampaio / Monumento Natural Riacho do Meio, onde o Thoreau poderá ser observado com sua anilha marrom. Sua espécie conta com uma estratégia de conservação ininterrupta, entre as mais antigas do Brasil, mas que ainda não foi capaz de reverter seu quadro de ameaça. Novos capítulos dessa história estão sendo escritos, pois um Plano de Ação Territorial para *A. bokermanni* e espécies associadas é previsto para 2022, logo após a publicação da Lista Estadual da Fauna Cearense Ameaçada de Extinção, ou Lista Vermelha. São políticas públicas baseadas em ciência, apoiadas pelo Programa Cientista Chefe, do Governo do Estado do Ceará